

LACERDA, Nathercia; PORTO, Cristina Laclette; GUSMÃO, Denise Sampaio. *A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha*. Ilustrações: Bruna Assis Brasil. Rio de Janeiro: Editora Zit, 2016.

Maria Inês Marcondes

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro/RJ – Brasil

Juliana Dias da Silva

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro/RJ – Brasil

1. Um livro sobre as cartas de um primo

Paulo Freire sempre gostou de escrever cartas. Escreveu muitas, recebeu outras tantas, em diversos momentos de sua vida. Publicou inclusive livros-epístolas, como *Cartas a Guiné-Bissau*, *Cartas a Cristina*, *Professora sim; tia não: cartas a quem ousa ensinar* e *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (COELHO, 2011). Mas este é um livro diferente. Um livro para crianças? Jovens? Adultos? Um livro de cartas de Paulo Freire, escritas durante seu exílio para sua sobrinha de nove anos, que morava no Rio de Janeiro e era neta de seu tio Lutgardes Flôres Neves. A menina, carinhosamente chamada por ele de Nathercinha, guardou as cartas que recebeu daquele primo que iria se tornar o maior educador do Brasil.

Partiu dela o movimento de escrever a primeira carta, mesmo não sabendo, ao certo, as razões que fizeram Paulo estar tão longe de casa. Ele, evidentemente, deve ter ficado muito comovido com essa atitude e manteve durante certo tempo correspondência com ela. As amigas, Cristina Porto e Denise Gusmão, professoras e pesquisadoras, instigaram Nathercia a compartilhar essa correspondência. Para publicar esse material em livro, ela teve a oportunidade de reviver seu passado, mergulhar na sua infância, buscar fotos, documentos e objetos que pudessem ajudar no entendimento dessa etapa. Tudo isso também nos leva a refletir sobre a trajetória de Paulo Freire, primo e educador, que sempre se dedicou a conversar com as pessoas, com o povo, e assim foi aprendendo e ensinando, elaborando sempre um diálogo. A filha de Paulo, Madalena Freire, também foi convidada a participar dessa “conversa” que juntou as primas e amigas. A memória foi se reconstruindo a partir das fotos e releitura das cartas.

O livro inicia com uma apresentação dos parentes de Nathercia. Ela vai explicando a vida das duas avós, materna e paterna. Vai descrevendo principalmente a casa da Urca da avó materna. A casa onde moravam Lutgardes e Nathercia (avó da menina). O morro da Urca era o limite dos fundos da casa, que tinha varanda e jardim com muitas flores, conforme descrito por Nathercia .

A história de seus avós maternos se inicia nos idos de 1913, em Pernambuco, quando o avô Lutgardes e sua avó Nathercia se conheceram. De acordo com a narradora, ali começava “uma grande história de amor”, mas a

família de seu avô não gostou muito do romance, pois sua avó “era uma menina com pouco estudo, enquanto as irmãs de meu avô eram de muitas letras”. Mas “o amor falou mais alto, e eles seguiram juntos vida afora”, diz Nathercia com orgulho (p.37).

É aí que Paulo Freire entra na história... Paulo era filho de uma das irmãs do avô de Nathercia de nome Edeltrudes, chamada por todos de Tudinha. “Portanto, Paulo nasceu sobrinho de meu avô” (p.38), diz Nathercia. Esse sobrinho cresceu longe do tio, mas sempre quis conhecê-lo e, assim, um dia, chegou à casa da Urca e se tornou grande amigo do tio, chamado de Lut. Tio e sobrinho sempre conversavam e construíram uma sólida amizade, que perdurou enquanto seu avô viveu. Há no livro uma foto dos dois, nos anos 1960, na varanda da casa da Urca. Foi Lutgardes Flôres Neves que, certamente, inspirou o nome do filho caçula de Paulo Freire, Lutgardes Costa Freire (COELHO, 2011, p.109).

2.O que as cartas dizem e o que elas não podiam dizer...

Em 1964, Paulo se foi do Brasil por conta do golpe militar. Nathercia nasceu em 1958 e, em 1965, estudava na Escola Capistrano de Abreu, no Horto. Não fazia ideia que o país passava por um momento difícil. Não sabe ao certo se foi pela curiosidade sobre um “país vizinho onde caía neve”, “pela novidade de trocar cartas pela primeira vez”..., mas resolveu escrever a primeira carta de sua vida para Paulo. Ele já havia estado na Bolívia com sua mulher e filhos e, naquele ano, em 1967, morava no Chile.

Naquela época, as cartas demoravam muito a chegar. Nathercia aguardava com ansiedade as respostas. Gostava de ler sobre o que Paulo escrevia sobre as estações no Chile: as cordilheiras com neve, as flores, as cores das folhas no outono... E, assim, a correspondência entre os dois foi se desenrolando.

A menina diz que “O que me intrigava é que os destinatários eram sempre diferentes, pois nunca se podia escrever o nome de Paulo no envelope...” (p.48) e, dessa maneira, ela seguia as orientações cuidadosas da mãe. A correspondência se compõe de cinco cartas entre os anos de 1967 e 1969. Na verdade, houve mais uma carta que foi endereçada a ela e a sua irmã Edith. De acordo com a autora, não há registro em sua memória do porquê de terem parado de se corresponder: “Talvez, eu simplesmente tenha crescido; talvez, ele tenha ficado cada vez mais ocupado escrevendo seus livros; talvez, o Brasil tenha ficado mais complicado” (p.49).

A menina Nathercia diz que demorou a entender que “ele não voltava porque não podia”. Em nenhum momento, por extremo cuidado, não há, na escrita das cartas, referência à situação política, que fez Paulo Freire estar na condição de exilado.

No livro, Nathercia apresenta as seis cartas, com fotos dos originais, e, assim, podemos sentir a importância dessa correspondência, desse “tesouro”,

como ela mesma diz, guardado durante muitos anos por uma menina que se correspondeu com o maior educador do Brasil, que foi extremamente sensível a uma criança que se interessou por saber das “notícias” do parente, amigo de seu avô e de sua família.

Como o livro traz fotos dos originais das cartas, pode-se ver a caligrafia de Paulo Freire, sua escrita usando uma caneta tinteiro e perceber seu cuidado com a escrita que vai ser uma das características marcantes em toda a sua vida. O Paulo Freire que começa a escrever é o Paulo exilado, que não queria sair do país, mas que é levado a tomar essa decisão.

Nas seis cartas, há assuntos recorrentes como uma apreciação sobre “o tempo” em outro país, reflexões sobre “nunca deixar de ver o mundo como criança”, notícias sobre a família e algum comentário sobre o que ele estava fazendo, seus estudos e trabalho. Menciona também suas viagens, de forma sucinta, a diferentes países como Venezuela, Estados Unidos, França e Itália. Cinco cartas são do Chile, apenas na última delas, Freire menciona sua mudança para os Estados Unidos para assumir um posto na Universidade de Harvard. Nessa última, envia um retrato seu e uma foto da chegada do homem na lua.

As cartas terminam sempre de uma forma carinhosa, mas que vai cada vez mais revelando a amizade entre os dois primos. Na primeira carta, assina “Do seu primo Paulo”, na segunda, “Do amigão Paulo”, na terceira, “Para você, um cheiro de seu amigo Paulo”, na quarta, “Do amigo Paulo”, na quinta, envia “Muitas lembranças para mamãe, papai, vovó, seu tios e primos. Recebam um abraço e um beijo do amigo e primo Paulo” e, na sexta e última, “Receba um abraço do seu amigo Paulo”.

Lembramos que Freire estava escrevendo para uma menina de nove, dez anos, portanto, os aspectos mais políticos de seu trabalho não podiam ser mencionados. No Chile, Freire desenvolveu um dos seus trabalhos mais importantes no Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária (Icira). Nesse período, escreveu seus livros mais importantes (*Educação como prática da liberdade*, *Pedagogia do oprimido*, *Extensão e comunicação*, *Ação cultural para a liberdade* entre eles), elaborou os conceitos mais importantes de sua obra (educação bancária, educação libertadora, cultura do silêncio, educação dialógica, entre outros) e participou de trabalho de campo em um assentamento próximo à cidade de Santiago, articulando a alfabetização de adultos e a reforma agrária, realizou trabalho de campo, estudo e pesquisa. Seu pensamento se politizou através da ampliação de suas leituras e do contato com sindicalistas e jovens chilenos universitários.

Nessa época, Freire deixou de lado suas concepções desenvolvimentistas e passou a enfatizar análises educacionais baseadas em leituras marxistas, que, posteriormente, se tornariam fundamentais para uma proposta de pedagogia crítica que iria impactar educadores de diferentes partes do mundo até os dias de hoje. Esses aspectos mais políticos da vida de Freire ficaram fora das cartas, pois não poderiam estar explicitados claramente,

não só pela sua condição de exilado, como também por estar escrevendo a uma menina de nove anos, que tomou a iniciativa de escrever ao primo que foi morar em outro país.

Por que Freire escreveu para Nathercia? O próprio Freire, em sua primeira carta, diz “Conversar com meus amigos, por carta ou pessoalmente, é tão importante para mim, como para você é importante brincar quando se chega da escola. Por isso é que eu escrevo 30 cartas por mês e recebo muitas também” (Primeira carta, p.54). Nessa mesma carta, ao mencionar que se “sentiu menino de novo ao ver a neve e sentir vontade de fazer bonecos de neve”, diz “se os homens não deixassem morrer dentro deles o menino que eles foram, se compreenderiam melhor” (p.51).

Na segunda carta, diz “...nunca deixe morrer em você a Nathercinha de hoje. A menina que você é hoje deve acompanhar a mocinha que você vai ser amanhã e a mulher que será depois” (p.55). Na terceira, diz que “se as pessoas grandes pudessem rir com as roseiras, como as crianças, não lhe parece que o mundo seria uma coisa linda” (p.57). Assim, Freire expressa sempre sua preocupação com um mundo mais humano e fraterno, marca essencial de sua pedagogia.

Na quarta carta, fala em “transformar o mundo”. Datada do ano de 1967, menciona que está escrevendo um “livro novo”, para mim, seria *Pedagogia do oprimido*, pois Freire menciona que foi aos Estados Unidos, e que depois iria para a Venezuela e depois novamente para os Estados Unidos. Em *Pedagogia da esperança*, livro em que Freire fala de sua vida e revê esse período, ele conta que, na primeira viagem que fez aos Estados Unidos, esteve com teólogos progressistas de Nova York, conversando sobre o seu trabalho, e descobriu muitos vínculos entre o que havia feito em Recife e o que esses teólogos estavam fazendo em Nova York com os imigrantes porto-riquenhos. A partir dessa visita, Freire acaba recebendo convite para publicá-lo em língua inglesa, antes mesmo de publicá-lo no Brasil.

Na quinta carta, já em 1969, fala que deve “equilibrar o tempo do brinquedo com o estudo.” Na sexta, escrita em papel timbrado da Universidade de Harvard, Freire está no Centro para Estudos em Educação e Desenvolvimento (*Center for Studies in Education and Development*) em Cambridge, Massachusetts. Durante essa permanência, publicou dois artigos no periódico *Harvard Educational Review*. Em 1970, tem seu livro *Pedagogia do oprimido* publicado em língua inglesa pela Herder e Herder. Escreve, avisando à menina Nathercia que, em fevereiro de 1970, estaria em Genebra na Suíça. Lá, assumiu um posto no Conselho Mundial de Igrejas e a correspondência entre os dois se encerrou, provavelmente, pelo motivo de excesso de trabalho.

3. Uma leitura que vale a pena

Em 1980, Nathercia teve a oportunidade de reencontrar Paulo no aeroporto Viracopos, em São Paulo. “Cercado por uma multidão de pessoas, entre jornalistas, fotógrafos, estudantes, professores, amigos e familiares, estava o conhecido educador tanto tempo afastado de sua terra” (p.72). A autora ainda esteve com Paulo, hospedada em sua casa na Suíça, e teve oportunidade de outros encontros em família e nas palestras dadas em universidades no Rio, em Recife ou em São Paulo. Ela assim se expressa ao final do livro: “Não foram muitas as vezes em que nos encontramos pela vida, mas permanecemos ligados pelo afeto, pelo sobrenome Neves e pela lembrança das cartas” (p.73).

Para quem estuda hoje a experiência internacional de Freire (como uma das autoras desta resenha, Maria Inês Marcondes), as cartas representam documentos importantes de sua vivência no exílio, dando testemunho de alguns aspectos dessa rica vivência a uma criança.

O livro pode ser visto como um livro destinado a crianças, adolescentes ou adultos. Mais um reflexo do lado humano e gentil de Paulo Freire, que, mesmo correndo risco como exilado, não deixa de escrever à prima Nathercia, de nove anos, em resposta para suas cartas de menina. A leitura do livro, pelas razões apresentadas, revela-se indispensável para todos os estudiosos de Paulo Freire. Agradecemos a Nathercia por ter dividido o privilégio da leitura dessas cartas conosco.

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 5ªed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1992.

COELHO, Edgar Pereira. *Pedagogia da correspondência: Paulo Freire e a educação por cartas e livros*. Brasília: Liber Livro, 2011.